

Usos do território e rugosidades, a intrincada rede de relações complexas no contexto da preservação

Use of territory and rugosities, the tangle network of complex relationships in the context of preservation

DOI:10.34117/bjdv8n5-352

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

Maria do Carmo Alves

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

Endereço: Rua Pedro Viana Madeira, 482 - Parque Silvana 2

CEP: 62040-210 / Sobral - CE

E-mail: carmemalves@gmail.com

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Pós-Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

Endereço: Av. da Universidade, 850 – Betânia – CEP: 62040-370/ Sobral – CE

E-mail: vccholand@gmail.com

Wellington Galvão Alves

Especialista em Gestão Pública Municipal

Instituição: Prefeitura Municipal de Sobral

Endereço: Rua Professora Maria das Graças Teixeira Pontes, N 1119

CEP 62053-670 - Bairro Belchior / Sobral - CE

E-mail: wellingtongalvaoalves@gmail.com

RESUMO

As rugosidades são marcas de um passado, presente e ativo, que tem buscado manter o patrimônio cultural através do processo de preservação. Esse texto busca jogar luzes sobre a leitura dos usos do território e os fundamentos teóricos sobre as rugosidades constituídas geograficamente. Essa possibilidade nos é dada pela compreensão do processo histórico no espaço geográfico, visíveis nas paisagens. Discutiremos como as rugosidades se remetem à história humana, tal como ela historicamente se forma através do sistema de objetos e ações. As rugosidades como tema central do nosso recorte, podem ser compreendidas também a partir do lugar como “acontecer” através dos usos, utilizando-se do método geográfico, analisaremos como estas podem ser esclarecedoras quando se pretende analisar pela interpretação da essência no processo socioespacial, visto como remanescente, perpétuo e dinâmico, resultado concreto e ativo da complexa relações entre sujeitos e objetos, as rugosidades fundamentam as ações das práticas políticas e sociais no território.

Palavras-chave: usos do território, rugosidade, paisagem, lugar, preservação.

ABSTRACT

The rugosities are marks of a past, present and active historical buildings, which have aspired to maintain cultural heritage with the use of a preservation process. This text aims

to bring clarity to the reading of the uses of the territory and the theoretical foundations on the geographically constituted rugosities. This possibility is given to us by the understanding of the historical process seen in geographic spaces and in the landscapes. We will discuss how the rugosities represents human history, as it is historically formed through the system of objects and actions. The rugosities, as the central theme of our approach, can also be understood from the place as "happening" through the uses. Through the geographic method, we aim to analyze how the rugosities can be enlightening when the analyzes is focused on the interpretation of the essence in the socio-spatial process, seen as a remnant, perpetual and dynamic, which is a concrete and active result of the complex relations between subjects and objects, the rugosities substantiates the actions of political and social practices in the territory.

Keywords: use of territory, rugosities, landscape, place, preservation.

1 INTRODUÇÃO

Este texto traz no seu cerne a difícil tarefa de, através da Geografia, apreender as rugosidades, tema ainda pouco explorado pelos geógrafos brasileiros, em que se espera compreender uma pequena teoria que possa ajudar na análise da realidade, buscando perceber as formas de utilização do território pela sociedade, no tempo presente.

Nesse sentido, procuramos apreendê-la, pela constituição socioespacial e seu processo histórico, pelos usos que o território nos revela, com suas características e a contribuição de conceitos como o de “Lugar” e “Paisagem” que se constituem no eixo teórico indispensável para escolher um caminho de método que leve em consideração o tempo, o acontecer, o trabalho humano e as técnicas, que consolidam a manutenção e a qualidade das vidas humanas.

Assim, como enfatiza Souza (2019), o uso do território se constitui em uma categoria social de análise, para a autora, ele nos permite verificar como a sociedade se organiza, nesta atualidade com seus objetos geográficos, cada vez mais tecnificados, e por sua vez, constituídos pelas dinâmicas dos lugares.

Para o geógrafo, estudar a rugosidade, numa disciplina que nos permite a análise da totalidade-mundo, conforme estudou Costa (2011), em sua tese de doutorado, em que trouxe a baila o diálogo do patrimônio pela totalização na compreensão da totalidade urbana, como possibilidade de compreender as formas remanescentes das cidades coloniais face a patrimonialização, nos remete ao conhecimento dos usos do território, especialmente, por que isso só é possível quando buscamos outras formas de compreendê-lo, mediante reflexão de sua essência.

Essa possibilidade nos é dada pela compreensão de espaço geográfico, pois o entendimento das rugosidades do território vai muito além de sua compreensão de que este é proveniente das ações humanas, pelo processo histórico que, como herança, exhibe seus objetos, suas espacialidades e as ações que nele aconteceram, sendo também um elemento explicativo da situação presente e ativa.

Portanto, para mergulhar na reflexão das rugosidades nossa compreensão norteadora é aquela fundamentada na teoria proposta pelo professor Milton Santos (2006, p. 62), que define o objeto da Geografia, ou seja, o espaço geográfico, como “um sistema indissociável e contraditório de sistema de objetos e sistemas de ações”.

Para o autor, o espaço geográfico é sinônimo de território usado, de espaço banal, ou seja, o uso do território é revelador da realidade concreta, da história, e escancara as ações desiguais, que nele acontecem e que se expressam através dos objetos geográficos. Sendo assim, a rugosidade, por estar no cerne desse conceito, nos permite perceber essas ações materializadas, através do uso do território, para ampliar a compreensão do mundo do presente e das ações e práticas políticas e sociais no território no contexto da preservação.

2 O TEMPO HISTÓRICO E A TRANSFORMAÇÃO DAS PAISAGENS INCORPORADAS AO ESPAÇO COMO RUGOSIDADE

O território e suas particularidades apresentam-se como um verdadeiro laboratório em escala real. Observá-lo nos convida à reflexão sobre as transformações na organização do espaço motivadas pelo uso, pelos progressos técnicos nas formas de conhecimento da paisagem e de sistema de movimento da sociedade, que pode ser apreendido pelas rugosidades, a qual se aproxima do conceito de prático-inerte sugerido por Sartre, que traz a noção de movimento inseparado da inércia, pois entendemos que são indissociáveis no espaço.

Dialeticamente, ao entendermos o espaço geográfico como um sistema de objetos e ações, pode-se fazer uma associação para compreender a reflexão de prático-inerte, sugerida por Sartre ao se referir ao trabalho e às ações humanas sobre os objetos inertes, que são ao mesmo tempo condicionadoras e condicionantes das ações sobre eles.

Para Sartre (2002, p. 359),

Os objetos sociais (dou esse nome a todos os objetos que têm uma estrutura coletiva e que, como tais, devem ser estudados pela sociologia) são, no mínimo, pela sua estrutura fundamental, seres do campo prático-inerte; portanto, seu ser reside na materialidade inorgânica na medida em que, nesse campo, ela é, por sua vez, prático-inerte.

Milton Santos (2006, p. 140), dialoga com essa ideia, quando nos fala que “o processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas”. O autor se refere aos processos que participam da categoria de prático-inerte nas práticas depositadas nas coisas, que dão condição de práticas sempre renovadas, como um porto, uma estrada, mas ainda a densidade, a distribuição da população, entre outros, que também participam dessa categoria.

Cada momento da história traz consigo as condições que propiciam o desenvolvimento de ações provenientes de práticas anteriores, incluindo entre estas as formas materializadas e a herança, que representam um tempo passado nem sempre visível na materialidade.

O espaço geográfico, historicamente materializado pelo uso do território, se expressa pela paisagem; e nessas circunstâncias, ela nos ajuda a constatar a rugosidade que está escancaradamente visível pelos usos.

A paisagem como produto do trabalho humano é uma materialidade visível, a porta aberta ao trabalho do geógrafo, haja vista que quando a olhamos vemos as diversas formas de uso e percebemos as relações dialéticas do sistema de objetos e ações, ativas e presentes.

Observar as paisagens provoca-nos uma inquietude, pois estas muito nos dizem sobre as nossas vidas, ou seja, de maneira geral, a vida da espécie humana. Os objetos materializados nos instigam a perceber e questionar o presente pelo passado.

Vale lembrar que Santos (2006, p. 140) “chama de rugosidade o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares”.

Nesse contexto,

[...] As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. (SANTOS, 2008, p. 173).

Para o autor, paisagem e espaço não são sinônimos, “a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. (SANTOS, 2006, p. 103).

A paisagem é o produto do trabalho humano, o que nela representa um tempo do passado nem sempre é visível com o decorrer do tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas ao conhecimento se dá como um conjunto de objetos reais-concretos.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1997, p. 61).

Com o uso do território, a paisagem natural passa por mutações, que podem ser estruturais ou funcionais, tornando-se muitas vezes paisagem artificial e resultado do trabalho vivo sobre o trabalho morto. Santos (2008) ressalta que, ao passarmos numa grande avenida em diferentes horários, contemplamos paisagens diferentes graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça e o logradouro funcionam diferentemente, segundo as horas, os dias da semana, as épocas do ano; enfim, quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho.

Na perspectiva das rugosidades, pode-se citar como exemplo dessa animação, as cidades com sítios urbanos tombados, onde na sua maioria, há um movimento de vida diferenciado, haja vista que nas zonas históricas há um uso mais efetivo e seletivo, resultado de investimentos nas ruas, nos imóveis públicos e privados, nos espaços de lazer. Porém, como nos diz Costa (2013), o movimento histórico contém a cidade em movimento, espaço de vivência e de sentidos, de acúmulo material e de símbolos que guardam o sentido da existência.

No contexto da dialética do uso do território é que podemos identificar, na paisagem como se deu a constituição das rugosidades, segundo a lógica das ações da sociedade sobre os objetos. Isso também é percebido pela compreensão do ambiente construído e constituído e pelo patrimônio herdado, que são as formas geográficas da rugosidade.

Buscar uma teoria sobre o processo de rugosidade, não é uma tarefa fácil, requer sua interpretação concreta da realidade e da vida nos lugares. Santos (2006) já nos falava que ao geógrafo cabe, sem dúvida, propor uma visão totalizante do mundo, mas é

indispensável que o faça a partir da Geografia. Santos (2006, p. 114), abordava essa importante questão ressaltando que,

Para isso, a primeira tarefa é a construção de uma filosofia menor, isto é, uma metageografia que ofereça um sistema de conceitos capaz de reproduzir, na inteligência, as situações reais enxergadas do ponto de vista dessa província do saber.

Nesse estudo, a primeira tarefa, sem a qual o requisito da pertinência não seria atingido, foi circunscrever com rigor o nosso objeto de trabalho, a saber, estudar as rugosidades, nesse caminho buscou-se sua essência pela categoria de análise do território usado. Como nos diz Costa (2011), são raríssimos os trabalhos sobre rugosidades no território brasileiro, especialmente na Geografia, o que nos motivou a estudar e aprofundar a discussão iniciada por Santos.

Para Costa (2011), discutir o processo de rugosidade na Geografia, no momento em que pouco ou nenhum grupo de pesquisa trata do assunto, é buscar considerar dialogar com aqueles que sempre estudaram sobre o assunto, como os arquitetos, os historiadores, entre outros. Porém, a interpretação, enquanto totalidade que constitui o espaço geográfico, somente pela Geografia se faz possível.

Dessa forma, o território usado é a chave para compreender as rugosidades no presente, pois revela, a cada momento histórico, possibilidades de dinamização dos lugares, mostrando um território ativo. Este reflete tanto as ações passadas como as do presente.

É por isso que, ao analisar a ação humana na história, é preciso distinguir o que contribui para criar as rugosidades, ou mesmo para reforçar as que já existem. Nas paisagens, elas mostram tanto das ações passadas como das atuais e nos dão pistas para perceber algumas ações futuras.

Iluminados pelas reflexões de Sartre (2002, p. 198) de que “o futuro governa o presente na medida em que esse futuro identifica-se rigorosamente com o passado”, temos buscado compreender as rugosidades como um elemento importante, de remanescência natural, material e social.

O território usado com suas complexidades, entre outros aspectos, se constitui pelo sistema de técnicas; e a técnica é um elemento que representa como o território se transformou ao longo do tempo, trazendo a ele novos usos, novas ações, novas manifestações a cada período de evolução.

Sabemos que a principal forma de relação entre o homem e o meio é dada pela técnica. O uso do território pela técnica cria o meio hoje denominado técnico-científico-informacional. Esse é outro conceito teórico importante para a compreensão da rugosidade, pois, sem dúvida, a técnica é um elemento importante de explicação das dinâmicas da sociedade e dos lugares, como veremos a seguir.

3 A TÉCNICA – ELEMENTO PARA ESTRUTURAÇÃO E ARTICULAÇÃO DOS TERRITÓRIOS – VARIÁVEL IMPORTANTE PARA A COMPREENSÃO DA RUGOSIDADE

As transformações dos espaços urbanos com vistas a compreensão geográfica de rugosidade, não se restringe as paisagens, apesar das formas que permanecem, o território tem passado por processos de importantes mudanças, intermediado pelo avanço das técnicas que tem papel central na compreensão das transformações socioespaciais. A técnica é definida por Santos como aquilo que faz a intermediação entre o homem e o meio, sendo estas um “conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. (SANTOS, 1999, p. 25).

Como diria Santos (2006, p. 43), “através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas e geográficas)”.

Santos (2006) classifica a história do meio geográfico em três etapas que ele chama de meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional. Para Santos, alguns autores preferirão chamar meio pré-técnico em lugar de meio natural. Para Santos (2006, p. 234), “a própria ideia de meio geográfico é inseparável da noção de técnica”.

As técnicas nos dão a condição de sistematizar e qualificar, pelo tempo, a forma precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalharam ao longo da história. Ela é um subsídio para nosso entendimento da rugosidade nesta contemporaneidade, pois possibilita ampliar a compreensão e os estudos sobre esse tema de pesquisa.

Ortega y Gasset (1963), dá uma colaboração para entendermos a técnica como oriunda da raiz fazer, aparelhar; como habilidade e manipulação da produção de objetos. Entendemos a técnica, nesse estudo, como associada às rugosidades, por estar ligada à própria história social do homem, pois nasce das necessidades humanas para se desenvolver.

Para esse autor, técnica é a própria ação ou atividade prática, enquanto aplicação de um conhecimento, portanto é um conjunto de habilidades cujo auxílio permite o uso da natureza para fins humanos, e ainda ressalta o espírito inventivo que na natureza é característica pertencente ao homem (Ortega y Gasset, 1963).

Citemos novamente Ortega y Gasset (1963, p. 17), quando diz que “a técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, posto que é a adaptação do meio ao sujeito”. Na evolução da técnica, expressa-se o passado e o presente da humanidade.

Por isso, reafirmamos que a técnica é uma variável importante para entendermos a rugosidade, uma vez que ela progride juntamente com a história humana, pois o homem, como inovador, consegue através dela obter aquilo que deseja e necessita.

Santos (2006) nos traz a discussão sobre o papel que as técnicas alcançaram na produção da história mundial a partir da revolução industrial, atribuindo a esse momento um marco definitivo de desenvolvimento pelas transformações consideráveis na vida humana. Entendemos que, de todas as formas, a técnica está associada ao desenvolvimento, seja da sociedade ou mesmo da constituição do território em todas as escalas.

Discutir a constituição do território brasileiro é considerar a questão das técnicas. Como nos diz Ortega y Gasset (1963), a técnica é a tática da vida, desse modo, o conhecimento da sucessão dos sistemas técnicos, em qualquer momento da vida humana, é essencial para o entendimento da estruturação e articulação dos territórios.

Para o autor, uma teoria da técnica exige uma teoria da vida humana, sem a qual o entendimento não seria possível. Isto porque a técnica está presente no desenvolvimento da humanidade, não se limitando apenas à produção de objetos como recursos à manutenção material da vida, mas também quando traz a possibilidade de satisfação a outras necessidades como o conhecimento, o saber, a arte, sobre o ser e a realização da vida do homem.

Novamente Ortega y Gasset (1963), traz a reflexão de que a técnica não é o que o homem faz para satisfazer as suas necessidades, mas é a reforma da natureza feita através dos atos técnicos. Entendemos como a contribuição da técnica é importante para realizar um plano de atividades que nos permita, pela sua capacidade humana, assegurar sua existência.

Discorreremos brevemente sobre o espaço e também sobre a técnica, por considerarmos seu entendimento e sua evolução fundamentais para se entender as

rugosidades como o resultado das relações do homem como ser ativo e transformador da natureza pelo uso do território.

Sartre (2002), considera que “é necessário acompanhar o movimento que engendra a vida a partir da matéria, o homem a partir das formas elementares da vida, a história social a partir das primeiras comunidades humanas”.

Inspirados nas ideias do autor, entendemos que as rugosidades remetem-se à história humana, com suas relações, suas ações, a relação com seus objetos, tal como se forma no movimento concreto. Assim, é testemunha das manifestações de um momento do mundo, aquele das sucessivas divisões territoriais do trabalho, em que o momento se cristaliza, se materializa para tornar-se uma herança para toda a sociedade.

4 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO TERRITÓRIO BRASILEIRO, O CONCRETO REVELA O SENTIDO ABSTRATO DA HERANÇA DO PASSADO NO PRESENTE

Numa análise geográfica, propõe-se então, como definição de rugosidade, a compreensão desta como o princípio que ocupa um lugar central na origem das sociedades, é a chave para entender o tempo presente, como um elemento geográfico de explicação da sociedade e da constituição do uso território através do tempo passado.

Encontramos no decorrer da história metamorfoses sofridas desde sua ocupação, sobretudo, para atender às formas de sobrevivência da sociedade. O conhecimento do uso do território tornou-se indispensável, dada sua importância, especialmente nos processos de formação social.

No caso das cidades tombadas, as rugosidades se constituem diferentemente na configuração territorial¹, em muitas delas, decorrente da sua localização, da sua constituição em cada período histórico, ou de acordo com o atual momento da sociedade, que modifica e redefine seu uso, pelas necessidades das pessoas, das instituições e dos interesses da política.

Vale ressaltar que não cabe aqui reconstruir a história da ocupação dos territórios, menos ainda descrever os sistemas técnicos que incorporam seus usos, o objetivo não é histórico e sim geográfico, então nosso esforço é reconhecer o conjunto de possibilidades de ação desses objetos demonstrados no uso do território. O espaço geográfico como um

¹ Configuração territorial é o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem. (SANTOS, 2008. p. 83).

sistema de objetos e sistema de ações nos dá a possibilidade, pelo uso do território, de interpretar as rugosidades a cada período.

Entretanto, a noção de rugosidade que estudamos vai muito além de entender o passado, acumulado de histórias. A história das cidades, na nossa análise, tem um significado ativo, apesar da materialidade, o significado é visto pela essência, o concreto revela o sentido abstrato.

A essência da cidade é dada pela sociedade que usa o território, modifica suas paisagens e, no contexto da vida, constrói sua história; sejam estas na política, na economia, nas controvérsias das questões urbanas, mas, especialmente, pela complexidade das abstrações de suas emoções na concretude que o território nos impõe.

Com essa análise, podemos lembrar o que nos diz Costa quando fala da cidade como um produto de um processo histórico.

[...] toda cidade é histórica, toda cidade é produto de um processo histórico e as “rugosidades” presentes atestam essa assertiva que pode ser elucidada na busca da compreensão da “cidade histórica” como particularidade singular “reconstruída” no presente, ante a totalidade. (COSTA, 2011, p. 60).

Cada período histórico traz impresso nas paisagens que produz, os objetos geográficos como resultado da acumulação do trabalho humano, pois a herança do passado se faz presente, e diz respeito ao conjunto das ações que nos possibilitam a compreensão do espaço geográfico.

Ao analisar a constituição do território, percebemos o passado como presente, pois, conforme Santos (2008, p. 189), “[...] o espaço ainda no presente é também futuro, pelo fato da finalidade já atribuída às coisas”. Ou, como disse Sartre (2002), é necessário acompanhar o movimento da vida e a história social a partir das primeiras comunidades humanas.

Tais características, que nos remetem à história das cidades, em especial aquelas dos sítios urbanos que passaram por processos de tombamento como Patrimônio, entendê-las é o que motiva esta pesquisa sobre as rugosidades. Haja vista que elas estão relacionadas com a ocupação e o uso do território, e este nos mostra os usos contraditórios, o que fundamenta o entendimento das diferentes paisagens existentes.

Sobre uma análise geral, sabe-se que a ocupação do território brasileiro teve, em suas origens, caráter exploratório, visando a obtenção de lucro, conforme nos fala Prado Júnior (1989); eis aí um dos motivos que explicam as diferenças percebidas no território, que exhibe nas suas paisagens o resultado das desigualdades socioespaciais.

Não obstante, sobre a história da constituição da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro (1998), escreveu em sua marcante obra *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*, a partir da necessidade de criar uma teoria sobre a sociedade brasileira. Com ousadia, o autor propôs uma teoria da história, que nos situou na constituição da história humana brasileira.

Nas palavras do autor, “[...] Surgimos da confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos”. (RIBEIRO, 1998, p. 19).

O parágrafo acima descreve que a sociedade brasileira é formada pelas variantes da versão europeia e lusitana, bem como misturada aos “coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos” (RIBEIRO, 1998, p. 19), o que explica a pluralidade da cultura do nosso povo. A esse respeito, é interessante refletir sobre o que diz Martins (2006, p. 14).

A respeito da pluralidade de culturas dessa formação da sociedade brasileira, merece destaque, como demonstração da mudança ocorrida a partir do primeiro quartel do século XIX, o reconhecimento de outras etnias, além dos brancos e índios, na formação brasileira, em algumas passagens literárias, como: a ausência de personagens negros na obra de José de Alencar, nomeadamente, em *O Guarani*; a obra de Aloísio Azevedo denominada *O Cortiço*, em que a personagem João Romão, português, exemplar típico da raça branca, demonstrando sua estagnação social ao se relacionar com uma mulher de cor e, depois, sua ascensão social ao trocar a mulher mestiça por uma outra da raça branca; e, ainda, demonstração do reconhecimento da participação mestiça na formação brasileira, a obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande e Senzala*, que transforma a negatividade do negro ou mestiço em um elemento positivo na formação dos contornos da identidade nacional.

A realidade do processo de uso do território brasileiro é amplamente marcada pela cultura senhorial, conflitos de natureza socioeconômica, poder oligárquico, racismo, exclusão social, entre outros acontecimentos que reproduziram os mecanismos de poder que mantêm a velha estrutura de classe, excludente.

O processo de formação do povo brasileiro, pela confluência de índios, negros e brancos, foi uma das características marcantes do povoamento do território brasileiro.

Isso justifica tamanha diversidade encontrada no território brasileiro, onde ainda existem, sobretudo nas cidades históricas, fortes influências dessa sua formação, que se apresentam como rugosidades, expressa nas paisagens, nas formas e nas estruturas em sua extensão territorial.

Na extensão territorial brasileira, iremos encontrar, como enfatiza Santos (2008), um território fisiograficamente diferenciado, com a presença de uma variedade de

sistemas naturais e sociais, sobre os quais a vida se foi fazendo, de forma também diferenciada.

Em uma de suas análises, Santos (2008), considerou que a partir das heranças, das solicitações a cada momento do passado, e da participação das diversas parcelas do país nas lógicas econômicas, demográficas e políticas contemporâneas se produz o verdadeiro mosaico de regiões que atualmente constitui a formação socioterritorial brasileira.

Nesse processo, o Brasil apresenta acumulação histórica presente em seu território visível através dos usos. Santos (2008, p. 250), a esse respeito, explica que “em todos os casos, as rugosidades, isto é, as heranças, têm um papel importante, porque constituem condições para a implantação de novas variáveis”.

No intuito de percorrer o processo de constituição do território brasileiro, as rugosidades se apresentam como reflexão essencial para a discussão, pois se manifestam de muitas formas concretas e abstratas, no território praticado.

Entender e interpretar a intrincada rede de relações complexas no uso do território no contexto da preservação de cidades, nesta atualidade, é o que se buscou fazer nesta pesquisa.

Assim, acreditamos que a análise que se fez das rugosidades, como expressão material e imaterial do tempo no espaço, uma vez que ela existe como produto da práxis da sociedade usando o território, seja capaz de explicar cada importante momento histórico do território usado pela sociedade, para entender o mundo de hoje.

Neste sentido é que buscamos, pela compreensão do seu conceito, dialogar com os outros trazidos principalmente pela arquitetura, na certeza de que estes possam contribuir para ampliar o diálogo, assim como o conhecimento do espaço geográfico. Rugosidade é um tema instigante, de grandes controvérsias na Geografia brasileira.

A partir de fundamentos teóricos, técnicos e empíricos, nossa tese é confirmada quando entendemos que as rugosidades, pela amplitude do seu conceito, exibem no uso do território, objetos geográficos passíveis de preservação e, mais do que isso, elas ampliam o significado de memória e patrimônio socialmente produzidos, pois neste reflete a herança do passado, e esta interfere, nas ações do presente, os desafios de entender as rugosidades como reminiscências materiais, naturais e sociais.

Para ampliar um pouco nossa reflexão a respeito do entendimento da rugosidade a partir dos usos e da constituição do território brasileiro, se fez necessário introduzir a compreensão da constituição do território. O conceito de território usado introduz, pelo uso, o entendimento do conceito de lugar.

5 O PAPEL DO LUGAR NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO – ACONTECERES QUE CONSTROEM REALIDADES VISÍVEIS E SENTIDAS

Existem muitas formas de ver e perceber a cidade, pois nela se processam a vida humana e todas as ações. A partir da noção do espaço geográfico como um sistema indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, podemos analisar as dinâmicas que nos permitem entender a constituição do território usado e sua materialidade.

Santos (2006) nos fala que “a Geografia é uma ciência da ação, e a ação se dá nos lugares”. Entendemos que o lugar é o espaço da ação, “é o depósito final, obrigatório, do evento” (Santos, 2006, p. 144).

Na geografia, a compreensão do conceito de lugar nos possibilita refletir sobre os eventos passados e presentes ocorridos no território. Estes revelam os processos de desenvolvimento de sua formação territorial, resultante dos sistemas de ações.

Assim, pelo movimento da vida, as ações estão constantemente se refazendo. Desse modo, encontraremos tantos lugares quantos forem os acontecimentos se dando num dado momento da história.

O lugar nesta pesquisa aparece então com uma dimensão importante para a compreensão do real, pois, como é discutida por Santos (1999), está ligado à resistência, à força que se materializa, existindo manifestação de elementos novos e velhos, observados a cada momento.

A partir do entendimento do lugar é possível, geograficamente, refletir sobre os eventos passados e presentes que constituíram o território, sobretudo, nas cidades com sítios urbanos tombados, por nós interpretados como rugosidades.

As cidades revelam sua formação territorial, resultante dos sistemas de ações. Desse modo, consideramos que um estudo detalhado e cuidadoso sobre a formação e o crescimento de cidades históricas e a sua configuração nesta contemporaneidade é fundamental para servir de subsídio para a compreensão da importância do lugar.

Considerando que cada evento, cada ação, influencia nas mudanças e no caráter dinâmico do território como um todo, não atingindo apenas os chamados “centros históricos”, mas também diversos lugares que são criados a todo instante.

Ao estruturar uma pequena teoria geográfica da rugosidade e dos lugares, buscamos produzir interpretações de um modo de ver a cidade numa ciência que nos ensina a realizar uma leitura do presente, pelos acontecimentos no mundo.

Estudar distintas cidades como Sobral (CE), Ouro Preto (MG), Olinda (PE), Salvador (BA), Parati (RJ), Carapicuíba (SP), entre outras, nos instiga a elucidar questões

relevantes e interpretativas sobre o sistema de ações presentes no uso do seu território. Neste caso, em cada uma presenciamos suas peculiaridades, carregadas de aconteceres, situações geográficas que igualam todas as cidades pela essência do conhecimento. São eventos dos múltiplos lugares que nascem e morrem todos os dias.

No lugar, os eventos se materializam a cada instante. Os eventos são, simultaneamente, como nos fala Santos (2006), “a matriz do tempo e do espaço”. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição de eventos.

Dessa manifestação complexa resulta, nas cidades, a constituição de lugares da ação, da tecnologia, da vida que constrói materialidades; essa é a interpretação da cidade não apenas visível, mas sentida.

No lugar manifestam-se as imagens, resultados de aconteceres que geograficamente chamamos paisagem; o lugar que não está relacionado apenas com a cidade material que se constrói, mas também com o olhar sensível, capaz de reconhecer nas diferenças a possibilidade de o sujeito conviver numa cidade mais humana.

O lugar é aqui entendido como sendo um espaço do acontecer solidário, de acordo com a proposição de Milton Santos em sua obra. Nesse sentido, perceber o lugar depende de como este é observado em seus processos e no que eles representam para a vida de cada habitante.

Sobre o lugar, propomos uma reflexão inspirada nos caminhos metodológicos expressos pelo professor Milton Santos, que nos convida a fazer um esforço de construção teórico-metodológico no sentido de entender o papel do lugar na compreensão do espaço geográfico.

No entanto, nossa preocupação em ousar desenvolver uma reflexão sobre o lugar dá-se pela vontade de trazer uma colaboração para o entendimento da rugosidade no desenvolvimento do tema na Geografia. A rugosidade como testemunho de usos acolhe as constituições de lugares em todos os tempos desta pesquisa.

A tarefa de entender a questão da rugosidade pela compreensão do tombamento das cidades com sítios urbanos, por exemplo, a partir também da constituição do lugar, torna-se um desafio difícil, porém um importante princípio de método, haja vista que a necessidade do entendimento da rugosidade perpassa o conhecimento de outros conceitos e categorias de análise. Rugosidades e lugares sobrevivem e atualizam o tempo.

O ordenamento das ideias referente às rugosidades a partir do lugar se manifesta acerca da ação efetiva dos eventos, que ao longo do tempo foram responsáveis pelas transformações ocorridas no espaço geográfico.

Santos (2006), quando se refere a um evento passado, fala de sua presença num dado ponto da flecha do tempo, de um “presente passado”. O lugar como acontecer das ações, permite engendrar no território os objetos que pelas técnicas nos permitem identificar o exato momento em que ela acontece, pois, as técnicas, assim como um fenômeno histórico, são passíveis de datação.

A datação pode se dar tanto na escala de um lugar, quanto na escala do mundo. Como nos afirma Santos (2006), “ela é também possível à escala de um país, ao considerarmos o território nacional como um conjunto de lugares”. Em cada momento, a unicidade do mundo produz a diversidade dos lugares, pelos aconteceres e suas conexões. Estas que para Souza (1991, p. 6) “São os atributos essenciais da dinâmica dessa nova realidade, produto da aceleração espaço/tempo”.

Ainda para Souza (1991),

Ela se dá em cada lugar, em todos os lugares, em cada tempo, nos diversos tempos, impossibilitando esquematizações geográficas perenes (as redes e sistemas). As conexões geográficas são conexões de lugares do espaço, totais, singulares. Atributos do espaço, neste período da história.

São muitos os elementos que constituem o conjunto de aconteceres que formaram o território. Os resultados que tentamos alcançar ao longo deste trabalho mostra como os usos desses lugares são diferentes, e como estão sujeitos ao funcionamento vindo de várias escalas.

Os eventos ocorreram em áreas melhor favorecidas de materialidades, ou que propiciaram as melhorias, tornando-os conhecidos como os “espaços luminosos”. Esses lugares são dotados de objetos, ações, técnicas e fluidez, criadas por meio das ações hegemônicas. Ocorreram sempre, mas se diversificaram em função da diversidade do meio.

Nesse sentido, para apreendermos a nova realidade dos lugares, temos que percebê-lo como espaços dinâmicos, ativos, que reúnem necessidades de comandos de outros pontos e de outros territórios. Como nos fala Santos, o sistema de técnicas nos mostra a estrutura de um lugar.

O lugar aparece então com uma dimensão importante para a compreensão do real. É a relação com esse conceito que singulariza a abordagem geográfica da rugosidade no cotidiano, e que define a escala dos acontecimentos interpretados pela Geografia.

Os usos do território são merecedores de análise, uma vez que se apresentam à sociedade contraditoriamente como um conjunto de facilidades e dificuldades, a partir do qual ela própria (a sociedade) cria as condições de sua existência.

As cidades com sítios históricos tombados comprovam, na sua concretude, que nos últimos anos houve muitas possibilidades de mudanças, uma vez que o uso do seu território, ao passar pelos critérios exigidos ao tombamento, é preparado para atender, quase que exclusivamente, às demandas das políticas de preservação do patrimônio histórico.

A partir do tombamento, uma nova lógica é constituída, ao mesmo tempo em que o próprio homem se humaniza e humaniza o território pelos usos. Esse é o mundo humano, um híbrido de condições oferecidas com incessantes possibilidades de transformações; tudo isso promovido pela capacidade humana.

Inspirados em Santos (2006), acreditamos que é necessário considerar a ação humana na produção dos objetos, que vai modificando para social o meio natural.

No início, o homem se utilizava de técnicas mais rudimentares e artesanais, elementares às suas necessidades. Com o processo de crescimento das cidades e as mudanças nas características da evolução da sociedade ao longo dos anos, as técnicas tornaram-se mais tecnológicas.

Desse modo, compreender os sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento da estruturação dos usos do território, especialmente no atual período. Com o desenvolvimento da ciência e das técnicas informacionais, o homem organizou um verdadeiro meio técnico-científico-informacional.

As materializações dos objetos pelas ações num dado momento são a expressão material dos lugares, onde os acontecimentos se realizam. Os lugares, ao serem simultaneamente ações passadas, presentes e futuras, nos permitem a empiricização do tempo.

A expressão “material dos lugares” - concreta pelo sistema de objetos, as ações, pelo tempo e pela história - se faz sensível às emoções que dão sentido à vida, assim como aos objetos. É o caso dos monumentos antigos, tombados como patrimônio histórico, isoladamente, ou fazendo parte de um conjunto, como é o caso dos sítios urbanos tombados, comuns nos centros de cidades que se tornaram objeto de proteção.

Esses monumentos ou imóveis estão carregados de significados desde o momento da sua construção. O homem permite que sejam realizados diversos tipos de ações.

Entretanto, após a sua funcionalidade, pelo uso, de acordo com os propósitos para os quais foi criado, ele passa a condicionar as ações futuras.

No momento da sua concepção, a ação sobre aquele objeto constitui um lugar, como já dito, depositório final, uma estrutura, uma forma construída para abrigar determinadas funções e ações, presentes e futuras.

Pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, no Capítulo III – Dos efeitos do tombamento, que organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, este no Art. 17, decreta que, em caso nenhum, os imóveis hoje protegidos por lei, podem ser “destruídos, demolidos ou mutilados”. No caso de reparos, pinturas e restauro, precisa de prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob pena de multa.

Os imóveis devem preservar as formas do passado, pois estas estão carregadas de histórias de vida da sociedade que construiu e se constituiu pelo tempo; retratando e materializando, em um objeto, os sentidos de um dado período. Assim, o presente se une ao passado e projeta o futuro, une-se de maneira indivisível, representado pelo conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações.

Conforme nos fala Costa (2011, p. 35), “os patrimônios são preservados, buscase sua manutenção, uma fixidez pretensamente originária, em uma era em que os lugares e os territórios são transformados velozmente, pelo desejo das nações de preservar o passado”.

Entretanto, a compreensão do espaço geográfico se dá na totalidade que remete ao conhecimento do espaço. Por essa razão, o método deve buscar a compreensão do todo a partir do estudo e da compreensão de suas partes, todavia, não se trata aqui do antigo conceito de território erroneamente compreendido pela descrição da materialidade, mas do território ativo, o lugar das ações sociais, que pelo uso permanece como uma rugosidade a ser interpretada.

Ao se observar atentamente o território de uma cidade com sítio urbano tombado, ver-se-á que os diferentes objetos instalados nos diversos lugares, revelam quem são os agentes que deles fazem uso. Estes abrigam todas as atividades, sejam residenciais, comerciais, industriais, de lazer, entre outras. No município reside a sociedade; e esta, pelo uso, tem o poder de transformação. Assim, os territórios pelas transformações são artífices da constituição dos diferentes lugares que a cada momento são redefinidos pelo processo histórico.

Os objetos são a marca das materializações dos lugares. Desse modo, esta pesquisa reconhece a importância da preservação da memória de um povo pelo patrimônio tombado, sendo para nós concepções de rugosidades, e nos instigando a elucidar questões relevantes e interpretativas do lugar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da constituição do território buscou-se nesse texto, contribuições para o diálogo entre a rugosidade e a relação com o patrimônio preservado, em uma perspectiva dialética, que nos permitisse uma reflexão com o pensamento crítico, capaz de possibilitar apreender a totalidade pelo uso, nos diferentes períodos da história da humanidade.

Entendemos que falar em uso do território e rugosidade, a partir dos fundamentos teóricos, técnicos e empíricos, na discussão da realidade geográfica, é falar na complexidade dos processos da vida humana. Assim, ao fazermos uma leitura desse processo, a rugosidade para nós se mostra como categoria de análise central para a compreensão do presente e, quiçá, do futuro.

A rugosidade revela nas suas paisagens geográficas o que mudou e o que permaneceu desde os primeiros habitantes que por aqui se fixaram e constituíram o território.

A geografia é uma ciência fascinante para entender a realidade do tempo presente. Na nossa concepção de mundo, a buscamos pelos conceitos geográficos que conduziram o nosso entendimento, como Espaço Geográfico, Lugar, Paisagem e nos pautamos na categoria de análise território usado.

Nessa perspectiva, a dialética permitiu-nos olhar espacialmente diversas formas de manifestação da sociedade, que usa o território de acordo com suas necessidades de se desenvolver, com as contradições que se impõe a cada agente que usa e transforma o território. Haja vista que a geografia lida com a materialidade espacial, com a sociedade e como as duas se fundem num híbrido, indissociável.

Desse modo, a rugosidade é dialética, resultado da transformação dada pelas ações sobre os territórios, que foram invadidos, conquistados, dominados, transformados e desenvolvidos, ao longo do tempo, na história das cidades, e que hoje são verificados empiricamente, inseridos em diversos contextos da realidade.

Apesar da multiplicidade de sentidos que o termo “rugosidade” suscita, este texto reforça a “Rugosidade” como o princípio que ocupa um lugar central na origem das

sociedades, como uma variável importante para entender o tempo presente, por ser um elemento geográfico de explicação das relações socioespaciais e da constituição do território através do tempo passado. Tentou-se absorver o entendimento do conceito teórico aplicável ao objeto empírico, pois, a teoria é em cima dos processos que se deseja estudar.

Para concluir nossa análise, retorno a reflexão sobre o sentido do conceito de “rugosidades”, proposto por Milton Santos; sem dúvida alguma, uma maravilhosa possibilidade que o Mestre dá, aos geógrafos, de reconhecer o território e cientificamente dialogar com os profissionais que se dedicam ao patrimônio, a preservação e a memória.

Santos nos faz enxergar, no âmago da geografia, um território em ebulição, vivo, ativo, presente e dinâmico pelo efervescente uso que a sociedade faz; considerando que, a condição dada pelas características do mundo do presente é fazer do futuro âncora.

As reflexões feitas sobre a visão do mundo do presente e as possibilidades de construção do mundo do futuro a partir das resistências que nascem nos lugares – esse é o espaço do acontecer solidário.

O território grita e escancara uma realidade contraditória, e quiçá poucos profissionais, como o geógrafo, tenham a sensibilidade de percebê-las. Por isso, essa reflexão jamais priorizaria as discussões de cunho normativo e burocrático sobre o tombamento do patrimônio histórico, pois nosso desejo maior foi abordar a rugosidade a partir daquilo que ela geograficamente representa, uma porta de entrada para uma reflexão que não se limita à compreensão das formas remanescentes e petrificadas, mas aquela que considera a dinâmica da vida no espaço banal.

Por isso, trouxemos a rugosidade à baila, pois, o argumento de preservação está sempre intrinsecamente ligado às suas origens e aos processos criados pela história humana. Espera-se humildemente que essa reflexão possa ter trazido uma pequena contribuição para esse diálogo tão necessário entre a Geografia e as disciplinas interessadas nas questões aqui estudadas.

Fizemos um esforço de contribuir para uma compreensão mais generosa sobre a rugosidade no processo de reconhecimento da história por todos os sujeitos que fazem das cidades um laboratório vivo, exposto a elogios e críticas, daqueles que buscam compreendê-las através do complexo, indissociável e contraditório sistema de objetos e ações.

REFERÊNCIAS

COSTA, Everaldo B. Totalidade Urbana e totalidade mundo. As cidades coloniais barroca face à patrimonialização global. TESE DE DOUTORADO. São Paulo: FFLCH/DG/USP, 2011a.

_____. Cidade, imagem e patrimônio: consideração metodológica. Anais do X Encontro Nacional de Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, Geografias, Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais, 2013. ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963. [1939].

PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: 21ª Edição. Editora Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, Darcy. O POVO BRASILEIRO: Evolução e o sentido do Brasil Companhia das letras, 1995. São Paulo 1998.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. A Natureza do Espaço: Razão e moção. São Paulo: Hucitec, 1999 (1996).

_____. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

_____. O Centro da cidade de Salvador: Estudos de Geografia Urbana. 2ª Edição – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: Edufba, 2008.

SARTRE. Jean-Paul. Crítica da razão dialética: precedida por questões de método. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 1ª edição: Paris, Gallimard, 1960.

SOUZA, M. A. A.(2019). Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: refletindo sobre o espaço banal. Um ensaio geográfico. PatryTer–Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades, 2(4), 1-17. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>

_____. CONEXÕES GEOGRÁFICAS – um ensaio metodológico: uma versão ainda preliminar. Revista do IEA, São Paulo: 1991.